

Os acidentes de trabalho em Lisboa: uma perspectiva hospitalar

FERNANDO JORGE PEREIRA PINTO MONTEIRO
ISABEL MARIA DE ASSIS SANTOS MENDONÇA
ISABEL MARIA N. R. D. PINTO MONTEIRO
MANUEL MARTINS DOS SANTOS DELGADO

Através de um universo circunscrito ao maior grupo hospitalar português — os Hospitais Cívicos de Lisboa — pretendeu dar-se uma ideia da evolução recente dos acidentes de trabalho em Lisboa e do seu impacto nos custos hospitalares.

Constatou-se que a percentagem de acidentes de trabalho cresceu de forma regular de 1980 a 1984, face aos valores globais de doentes socorridos no Serviço de Urgência daquele grupo hospitalar. Em 1984, o número de acidentes de trabalho aí registados, ultrapassou em cerca de 50% os verificados em 1980.

Traçou-se o perfil dos trabalhadores em maior risco: os que exercem uma actividade nos sectores de produção das indústrias extractivas e transformadora, os condutores de máquinas fixas e de transporte; os que pertencem ao sexo masculino e cuja idade fica à quem dos 35 anos.

Numa análise dos custos, com incidência apenas naquele grupo hospitalar, verificou-se que, só no ano de 1984, os custos globais relativos ao tratamento dos acidentados do trabalho atingiram cerca de 100 mil contos, verba cuja importância justificaria investimentos prioritários na área preventiva.

I — INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Com o presente trabalho pretende-se dar uma ideia dos aspectos quantitativos e qualitativos dos acidentes de trabalho socorridos no Serviço Comum de Urgência dos Hospitais Cívicos de Lisboa e do seu impacto nos custos hospitalares.

Trata-se de uma primeira abordagem do problema que julgamos dever ser alargada, no futuro, a nível nacional, já que se detecta uma tendência crescente no número de acidentes de trabalho, como iremos demonstrar, o que pressuporá soluções alternativas para o atendimento eficaz e imediato destes casos e fundamentalmente campanhas de prevenção que resultem numa maior segurança no trabalho.

Considerámos como acidentado de trabalho todo aquele que compareceu no Serviço de Urgência em consequência de acidente tido no local ou em relação com o seu trabalho, tendo essa declaração sido feita pelo próprio ou pelo acompanhante. Apenas excluímos da nossa análise os acidentados com os profissionais do ramo automóvel, que são incluídos nos acidentes de viação, bem como todos os acidentes de trajecto.

□
Fernando Jorge Pereira Pinto Monteiro é administrador hospitalar, do Conselho de Gerência do Hospital de Sto. António dos Capuchos, em Lisboa.

Isabel Maria de Assis Santos Mendonça é administradora hospitalar, no Hospital D. Estefânia, em Lisboa.

Isabel Maria N. R. D. Pinto Monteiro é administradora hospitalar, do Conselho de Gerência do Hospital do Desterro, em Lisboa.

Manuel Martins dos Santos Delgado é administrador hospitalar na Maternidade Júlio Dinis, no Porto, e associado à docência da Cadeira de Administração Hospitalar na Escola Nacional de Saúde Pública.

Começámos numa primeira análise, por apurar a evolução da procura do Serviço de Urgência dos H.C.L. por vítimas de acidentes de trabalho entre 1980 e 1984.

Seguidamente, procuramos determinar, com referência ao ano de 1984, a percentagem, em relação à população activa, dos sinistrados de trabalho que acorreram ao Serviço de Urgência dos H. C. L., por profissões, por concelhos de residência e por sexos.

Por não termos conseguido obter os elementos da população residente activa, a exercer uma profissão, para o ano de 1984, tivemos de nos socorrer dos elementos do Censo Geral da População, de 1981. A margem de erro resultante da comparação dos elementos de 1981 com os de 1984, pareceu-nos desprezível.

Fez-se ainda uma outra análise, considerando grupos etários e o destino dos acidentados do trabalho após o atendimento no Serviço de Urgência.

II — DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO

1. Evolução dos acidentes de trabalho socorridos no S.C.U./H.C.L.

Quando pensámos no tema, a nossa primeira preocupação foi verificar como tinha evoluído a casuística dos acidentes de trabalho nos últimos anos.

Constatou-se que, face aos valores globais de doentes socorridos, a percentagem de acidentes de trabalho tem vindo a subir regularmente desde 1980, como ilustra o *Quadro I*.

Do quadro, conclui-se ainda que, de 1980 para 1984, houve um incremento do número de acidentados do trabalho socorridos nos H.C.L., da ordem dos 50%. Tal evolução terá que ser encarada com algumas reservas, já que não permite tirar ila-

ções seguras sobre a evolução dos acidentes de trabalho na Região de Lisboa e muito menos no País. No entanto, se tivermos em conta que a rede de atendimento de urgência na área de Lisboa não sofreu alterações significativas no período considerado, que a atracção exercida pelos H.C.L. sobre as populações menos próximas se vem mantendo nos mesmos valores, que as áreas de influência das duas grandes urgências de Lisboa (H.C.L. e Hospital de Sta. Maria) estão, pelo menos consuetudinariamente, há muito definidas e, finalmente, que a economia portuguesa manifestou, nos anos em apreço, sinais evidentes de retracção, teremos de considerar preocupante e com algum significado a evolução verificada.

Por estas razões consideramos oportuno debruçarmo-nos mais em pormenor sobre os casos ocorridos no S.C.U./H.C.L. no ano de 1984, procurando assim saber a composição por idades, sexo e profissões dos socorridos, bem como a importância económica das prestações hospitalares, nomeadamente nas situações que careceram de internamento subsequente.

2. Os acidentes de trabalho socorridos nos H.C.L., no ano de 1984, por categorias profissionais e sexos

2.1. — Análise global

Para análise que se segue usámos como padrão de referência da distribuição da população activa em exercício, por categorias profissionais, do Distrito de Lisboa, o Censo de 1981, tomando apenas os valores correspondentes aos grandes grupos da classificação nacional das profissões (versão de 1980).

Ressalve-se desde já que o conceito de acidente de trabalho, ao nível dos serviços administrativos

Quadro I
Evolução dos acidentes de trabalho socorridos nos Hospitais Cívicos de Lisboa (1980/84)

Ano	N.º de socorridos	N.º de acidentes	% de acidentes	Índice de evolução dos acidentes. Ano base: 1980
1980	201 563	6724	3,3	100
1981	200 611	8020	4,0	119
1982	193 227	8766	4,5	130
1983	206 900	9450	4,6	141
1984	212 280	9986	4,7	149

Fonte: Ficheiro do Serviço de Admissão de Doentes dos H.C.L.

dos H.C.L., engloba também os acidentes ocorridos com alunos em estabelecimentos de ensino.

No entanto, o estudo pormenorizado sobre os dados de 1984, permitiu-nos separar esses casos, o que possibilitou utilizar como referência o Censo acima mencionado.

A análise do *Quadro II* permite-nos tirar as seguintes conclusões fundamentais:

— A esmagadora maioria dos acidentes de trabalho foi protagonizada por trabalhadores do sexo masculino (mais de 70%) o que está de acordo com a preponderância dos homens no mundo do trabalho. Dá-se, inclusive, a circunstância dos acidentes ocorridos com homens terem, nesse contexto, uma importância significativamente superior àquela que os homens detêm no conjunto dos trabalhadores do Distrito (cerca de 60%).

— Tal facto ficou a dever-se ao peso esmagador dos homens nas categorias associadas 7, 8 e 9, que só à sua conta contribuíram com perto de 60% dos acidentes.

É, sem dúvida, o conjunto de profissões que envolve mais riscos físicos no seu exercício, se atentarmos que apenas representam 30% dos trabalhadores do Distrito. Esta asserção é-nos confirmada pelo peso dos acidentes de trabalho socorridos nos H.C.L. relativamente à população residente activa que, ronda os 12‰, é a mais elevada e ultrapassa significativamente o valor global que se cifra em 6,7‰.

— Analisando a incidência de acidentes de trabalho socorridos por sexos, constata-se, no entanto, que no caso dos homens, o valor mais elevado corresponde à categoria 5 e para as mulheres à categoria 6, respectivamente com 14,2‰ e 13,8‰. Se para o caso dos homens, a explicação poderá residir no risco associado a algumas classes profissionais incluídas na categoria (nomeadamente o pessoal dos serviços de protecção e segurança), já para o caso das mulheres não vislumbramos explicação plausível.

Quadro II

Distribuição, por grandes grupos de profissões, da população residente activa e dos socorridos por acidente de trabalho

Grandes grupos de profissões	População residente activa (1981)			Doentes socorridos por acidente de trabalho (1986)			Doentes socorridos / população residente activa (‰)		
	M	H	Total	M	H	Total	M	H	Total
0/1 Cientistas, técnicos, artistas e similares	46 341	62 624	108 965	355	178	533	7,7	2,8	4,9
2 Directores e Quadros Superiores Administrativos	2 007	15 662	17 669	9	23	32	4,5	1,5	1,8
3 Administrativo e Similares	100 309	102 202	202 511	234	158	392	2,3	1,5	1,9
4 Comércio e Vendedores	30 208	57 491	87 699	84	53	137	2,8	0,9	1,6
5 Serviços de Protecção e Segurança, Pessoais e Domésticos e Similares	101 486	48 659	150 145	487	691	1 178	4,8	14,2	7,8
6 Agricultores, Criadores de animais, Pescadores e Caçadores	6 901	28 513	35 414	95	103	198	13,8	3,6	6,0
7/8/9 Trabalhadores da Indústria Extractiva e Transformadora, Condutores de Máquinas	51 237	240 227	291 514	338	3 148	3 486	6,6	13,1	11,9
TOTAL	338 489	555 428	893 917	1 602	4 354	5 956	4,7	7,8	6,7

Fonte: INE — Estatística do trabalho, 1981. Ficheiro do serviço de admissão de doentes do H.C.L.

2.2. Análise por grandes grupos de profissões

2.2.1. Profissões científicas, técnicas, artísticas e similares

O número de acidentes de trabalho neste grupo, embora com pouco significado, representa, face à actividade aparentemente de forte componente intelectual, um peso considerável — cerca de 9% do total, mesmo assim inferior ao peso relativo dos trabalhadores do grupo — cerca de 12%.

Há, no entanto, algumas profissões que poderão explicar, em parte, aquela percentagem: os enfermeiros e profissões similares que, num grande número de casos, correspondem a funcionários dos próprios H.C.L., o que naturalmente poderá inflacionar o número de acidentes de trabalho. Aliás, dado o peso que o sexo feminino representa neste grupo — 66,6% dos acidentes, valor que é inverso à incidência global — inclinamo-nos para considerar aqui predominantes os acidentes protagonizados por enfermeiras.

2.2.2. Directores e quadros superiores administrativos

Em 186 acidentados socorridos no S.C.U., apenas 1 correspondeu a este grupo profissional. Representa, de facto, uma casuística insignificante, o que está de acordo com o tipo de actividade desenvolvida — eminentemente intelectual, fisicamente protegida e socialmente compensadora — bem como com o baixo número de profissionais que integram este grupo (1,9% do total).

Os homens representam aqui 72% dos casos, ao que não será estranho o difícil acesso das mulheres — apenas 11,4% o têm — aos lugares de topo da administração (pública ou privada).

Refira-se ainda que, dadas as características sócio-económicas deste grupo, o recurso a serviços públicos de saúde, mesmo em caso de acidente, é muitas vezes evitado, recorrendo-se a prestadores privados.

2.2.3. Pessoal administrativo e trabalhadores similares

Embora representem mais de 22% dos trabalhadores do Distrito de Lisboa, os profissionais desta categoria representam apenas 7% dos acidentes de trabalho socorridos no S.C.U. dos H.C.L.. Para o facto, não será estranho o tipo de actividade profissional desenvolvida, praticamente isenta de riscos para a integridade física dos profissionais.

2.2.4. Pessoal de comércio e vendedores

É uma categoria de reduzida importância ao nível do Distrito (não chega aos 10%) e representa

apenas 2,3% dos acidentes de trabalho socorridos no S.C.U. dos H.C.L., percentagem inferior até à dos acidentes ocorridos com os elementos das profissões científicas, técnicas, artísticas e similares.

Uma explicação para o facto poderá residir na circunstância de os acidentes de trabalho resultantes de deslocações em serviço, serem sempre classificados como «acidentes de viação», o que nesta categoria revestirá especial significado face à mobilidade que as funções exigem.

2.2.5. Pessoal dos serviços de protecção e segurança, dos serviços pessoais e domésticos e trabalhadores similares

Refira-se que este grupo representa cerca de 20% dos sinistrados de trabalho socorridos em 1984, sendo o segundo em importância.

Para o facto contribui obviamente o tipo de actividades aí incluídas que, *grosso modo*, representam trabalhadores com pouca ou nenhuma diferenciação técnica, que prestam serviços de algum risco físico. Aliás, relativamente à população activa deste grupo, temos um valor de 8‰, que é o segundo em importância.

Acrescente-se que, neste grupo, figura o contingente mais elevado de acidentadas (487), que representa mais de 30% de todos os acidentes protagonizados por trabalhadores do sexo feminino. Tal facto assenta fundamentalmente na importância que as mulheres detêm na população trabalhadora do sector (perto de 70%), ao que não serão estranhas determinadas actividades aí incluídas, tais como as relacionadas com pessoal doméstico e pessoal de limpeza.

Todavia, e como aliás já atrás referimos, os homens são neste sector mais propensos a acidentes, sendo o número relativamente à população activa mais elevado no contexto de toda a amostra (14,2‰).

2.2.6. Agricultores, criadores de animais, trabalhadores agrícolas e florestais, pescadores e caçadores

A taxa de acidentes neste sector aproxima-se dos valores médios globais, sendo no entanto de referir uma elevada incidência no sexo feminino.

2.2.7. Trabalhadores de produção das indústrias extractivas e transformadoras e condutores de máquinas fixas e de transportes

Já se referiu anteriormente o peso esmagador deste grupo no número de socorridos por acidentes de trabalho. Curiosamente, no entanto, quanto ao sexo feminino, fica aquém dos valores verificados para o grupo 5. As mulheres atingem também o seu

peso mais baixo neste grupo — apenas escassos 10% dos acidentes foram por elas protagonizados. Ou seja, verifica-se uma predominância maior de homens neste grupo (80% dos trabalhadores), o que tem obviamente a ver com algumas actividades que aqui se incluem e em que raramente mulheres trabalham, como sejam: construção civil, condução de veículos, carregadores e descarregadores, etc., em que a integridade física do executante é muitas vezes posta em perigo, havendo uma maior propensão para o acidente.

3. Os acidentados de trabalho socorridos nos H.C.L.: distribuição por residência

Da totalidade dos casos de acidentes de trabalho socorridos nos H.C.L. em 1984, verificou-se

que 79,8% correspondem a residentes no Distrito de Lisboa, 9,3% no Distrito de Setúbal e os restantes a residentes noutros Distritos, como se pode observar da análise do *Quadro III*.

3.1. Acidentes de trabalho — concelhos de residência

Quanto à distribuição por concelhos de residência nos 2 distritos mais significativos — Lisboa e Setúbal (quase 90% dos casos em análise) — cumpre fazer referência ao fenómeno da «mobilidade» do agente como factor condicionante da análise em causa, já que se compreende o presumível significado de apreciáveis percentagens de trabalhadores residentes em concelhos limítrofes/próximos de Lisboa que exercem a sua actividade profissional fora

Quadro III
Distribuição dos acidentados de trabalho por concelho, residência e grupos etários

		Grupo etário (anos)		≤ 18		19-25		26-35		36-45		≥ 46		Total
		Sexo	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H		
Residência														
DISTRITO DE LISBOA	Alenquer	—	—	—	—	—	1	—	1	—	1	—	1	3
	Amadora	15	70	32	170	30	310	35	185	37	185	—	185	1069
	Arruda	—	—	—	1	—	1	—	1	—	1	—	1	4
	Azambuja	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	2
	Cadaval	—	—	—	—	—	1	—	1	—	—	—	1	3
	Cascais	—	4	8	15	4	30	2	19	2	19	—	19	103
	Lisboa	25	150	70	445	76	550	90	320	135	415	—	415	2276
	Loures	2	15	22	55	16	95	18	50	20	25	—	25	318
	Lourinhã	—	1	—	2	—	—	—	1	—	—	—	—	4
	Mafra	—	11	15	17	—	10	2	7	2	12	—	12	76
	Oeiras	8	20	—	45	14	70	15	45	10	45	—	45	272
	Sintra	10	40	15	90	15	145	21	75	9	80	—	80	500
	Sobral	—	2	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	3
Torres Vedras	9	8	—	9	—	19	—	6	1	15	—	15	67	
Vila Franca de Xira	—	3	2	5	2	20	2	10	4	7	—	7	55	
Subtotal Distrito de Lisboa			69	324	164	854	157	1254	185	722	220	806	4755	
DISTRITO DE SETÚBAL	Almada	19	17	3	50	18	60	3	25	3	25	—	25	223
	Barreiro	10	5	2	24	3	40	6	20	5	25	—	25	140
	Moita	—	2	4	12	4	15	1	17	3	14	—	14	72
	Montijo	—	1	—	5	—	10	—	2	—	4	—	4	22
	Sesimbra	—	8	2	6	8	10	6	8	—	8	—	8	56
	Setúbal	—	2	4	7	—	15	—	7	—	6	—	6	41
Subtotal Distrito de Setúbal			29	35	15	104	33	150	16	79	11	82	554	
Outros Distritos			—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	647
TOTAL			—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5956

Fonte: Ficheiro do serviço de admissão de doentes dos H.C.L.

da sua circunscrição de residência, portanto em outra, no concelho de Lisboa.

Verifica-se, assim, a preponderância dos concelhos de Lisboa e Amadora, respectivamente com 43% e 20% da totalidade dos acidentados socorridos nos H.C.L., seguidos dos concelhos de Sintra, Loures, Oeiras, Almada e Barreiro, com percentagens compreendidas entre 9% e 2,5%, apresentando os restantes concelhos percentagens extremamente reduzidas.

3.2. Acidentados de trabalho residentes no Distrito de Lisboa: análise por concelho, sexo e grupo etário

Os 4755 acidentados de trabalho residentes no Distrito de Lisboa e socorridos nos H.C.L. representam, como já ficou expresso, cerca de 80% da totalidade desses casos socorridos na instituição. Dada assim a representatividade deste Distrito no estudo em causa, procede-se a uma análise mais detalhada (*Quadro IV*).

— Verifica-se que cerca de metade dos casos em análise se reportam ao Concelho de Lisboa.

— Constata-se que os concelhos com maior número de acidentes para a análise em questão, apresentam simultaneamente maior taxa de acidentes na população activa, mantendo de modo geral a ordem relativa.

— De realçar, todavia, que quanto ao Concelho de Loures, embora apresentando um número elevado de acidentados em relação ao total, evidencia uma taxa de acidentes na população activa relativamente baixa (318 casos, equivalentes a 2,6‰), sucedendo o inverso no Concelho de Mafra, o qual apresenta uma elevada taxa de acidentes na população activa e contribui pouco para a totalidade dos socorridos (76 casos, equivalentes a 4,4‰).

— Para a totalidade de acidentados socorridos nos H.C.L., e residentes no Distrito de Lisboa, verifica-se a preponderância do sexo masculino (83,3%); a repartição por grupos etários confirma aproximadamente a mesma proporção (*Quadro V*).

— Da análise do mesmo quadro, e no que diz

Quadro IV
Distribuição, por concelhos de residência, da população activa e dos socorridos por acidente de trabalho

Concelhos	População activa		Acidentes trabalho		Acidentes pop. activa
	n.º	‰	n.º	‰	‰
Alenquer	13 612	0,15	3	0,63	0,22
Amadora	73 395	0,83	1 069	224,82	14,56
Arruda	3 723	0,04	4	0,84	1,07
Azambuja	7 210	0,08	2	0,42	0,28
Cadaval	5 020	0,06	3	0,63	0,60
Cascais	61 183	0,68	103	21,66	1,68
Lisboa	351 174	3,93	2 276	478,66	6,48
Loures	124 459	1,39	318	66,88	2,55
Lourinhã	7 563	0,08	4	0,84	0,53
Malra	17 086	0,19	76	15,98	4,44
Oeiras	66 811	0,75	272	57,20	4,07
Sintra	98 077	11,0	500	105,15	5,10
Sobral	2 962	0,03	3	0,63	1,01
Torres Vedras	24 183	0,27	67	14,09	2,77
Vila Franca de Xira	37 459	0,42	55	11,57	1,47
TOTAL	893 917	1000	4 755	1000	5,32

Fontes: Estatística INE, 1981. Ficheiro do serviço de admissão de doentes dos H.C.L.

respeito à distribuição do número de acidentados por grupos etários, verifica-se que os grupos em que aquele número é mais elevado são os das classes de 25 anos ou menos e de 26 a 35 anos (1411 casos cada), constatando-se um certo abrandamento na classe de 36 a 45 anos, para se observar nova subida na classe de 45 e mais anos.

4. Encaminhamento dos doentes socorridos

No *Quadro VI* indica-se, por grupos de profissões e por sexos, o número de doentes socorridos no S.C.U. dos H.C.L., em consequência de acidentes de trabalho, e o encaminhamento que lhes foi dado na sequência desse atendimento.

Quadro V
Distribuição por grupos etários dos socorridos por acidente de trabalho, residentes nos Distritos de Lisboa e Setúbal

Grupo etário		Até 25			26-35			36-45			46 e +			TOTAL		
Distrito	Sexo	H	M	T	H	M	T	H	M	T	H	M	T	H	M	T
Lisboa		1178	233	1411	1254	159	1411	722	185	907	806	220	1026	3960	795	4755
Setúbal		139	44	183	150	33	183	79	16	95	82	11	93	450	104	554
TOTAL		1317	277	1594	1404	190	1594	801	201	1002	888	231	1119	4410	899	5309

Fonte: Ficheiro do serviço de admissão de doentes dos H.C.L.

Quadro VI
Distribuição dos doentes socorridos por grandes grupos profissionais, sexo e destino.
H.C.L., 1984

Destino	Sexo	Internamento				Casa				Consulta externa				TOTAL			
		M	H	Total	%	M	H	Total	%	M	H	Total	%	M	H	Total	%
0-1		25	30	55	10,32	214	108	322	60,41	116	40	156	29,27	355	178	533	100
2		—	—	—	—	7	10	17	53,12	2	13	15	46,88	9	23	32	100
3		20	25	45	11,48	136	78	214	54,59	78	55	133	33,93	234	158	392	100
4		10	3	13	9,49	46	33	79	57,66	28	17	45	32,85	84	53	137	100
5		38	45	83	7,05	341	431	772	65,53	108	215	323	27,42	487	691	1178	100
6		40	45	85	42,93	39	33	72	36,36	16	25	41	20,71	95	103	198	10
7-8-9		24	411	435	12,48	174	1992	2166	62,13	140	745	885	25,39	338	3148	3486	100
TOTAL		157	559	716	12,02	957	2685	3652	61,15	488	1110	1598	26,83	1602	4354	5956	100

Fonte: Ficheiro do serviço de admissão de doentes dos H.C.L.

Uma primeira observação respeita ao facto de não ter sido internado nenhum dos «Directores e quadros superiores de administração», categoria profissional em que se verifica, aliás, uma pequena percentagem de acidentes. Isto poderia significar que se trataram de acidentes de pouca gravidade ou que, quando houve necessidade de internamento, os interessados preferiram recorrer a outros estabelecimentos, nomeadamente clínicas privadas.

Este quadro fornece-nos igualmente a possibilidade de realçar o facto de 61% dos acidentados socorridos no S.C.U. dos H.C.L. poderem regressar a casa após o atendimento e de apenas 12% serem internados, tendo os restantes 27% sido assistidos em consulta externa.

Adiante se verá que, mesmo dos doentes internados, a maior percentagem apenas careceu de internamento de pouca duração.

Isto é assim na generalidade. Porém, se como vimos, não houve qualquer quadro superior internado após acidente e se a percentagem média dos acidentados internados foi de 12%, já no que se refere à percentagem dos internados do grupo 6, (agricultores, criadores de animais, trabalhadores agrícolas e florestais, pescadores e caçadores) se verifica uma percentagem de internamentos de 43%, ou seja, mais do triplo da média.

Quadro VII
Distribuição dos acidentados (internados e socorridos) por serviços, intervalos de demora, média e sexos.
Estimativa de custos — 1984

Serviço	Sexo	Interv. de dem. méd. (dias)										Subtotal		Custo médio unitário apurado (1983)	Custo médio unitário estimado (1984)	Custo Total (1984)	
		0-1		2-5		6-10		11-20		+ 20		Total					
		M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H				
Medicina		73	207	1	24	2	9	10	19	2	19	88	278	366	88 925\$58	111 156\$97	40 683 451\$
Cirurgia		25	30	10	27	3	32	10	22	2	40	50	151	201	83 117\$60	103 897\$00	20 883 297\$
Ortopedia		15	30	—	18	—	23	—	26	4	33	19	130	149	112 797\$60	140 997\$00	21 008 553\$
Subtotal (internam.)		113	267	11	69	5	64	20	67	8	92	157	559	716	—	—	82 575 301\$
Urgência (balcão)		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5956	—	—	14 119 070\$
TOTAL		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	96 694 371\$

Fontes: Ficheiro do serviço de admissão de doentes dos H.C.L. Contabilidade analítica dos H.C.L. (1983)

A explicação deste facto julgamos encontrá-la na circunstância de os trabalhadores deste grupo profissional acorrerem ao serviço de urgência apenas em situações mais graves, procurando por outros meios resolver os casos mais simples. A notória maior dificuldade de transporte dos locais onde normalmente este grupo exerce a sua profissão, para o centro da cidade, onde se situa o S.C.U. dos H.C.L. pode, parcialmente, explicar esta situação.

5. Acidentes de trabalho — situações de internamento

Apresenta-se seguidamente o *Quadro VII* no qual se regista a distribuição por especialidades, intervalos de demora média e sexos, do total dos doentes vítimas de acidentes de trabalho que forem internados, tendo saído em 1984 dos H.C.L..

Verifica-se que a maior percentagem de doentes se encontra no intervalo de demora 0-1 dia (53%), situando-se a segunda percentagem mais elevada na classe de mais de 20 dias (14%).

É também importante o número de doentes com demoras situadas entre os 11 e os 20 dias (12%), sendo respectivamente de 11% e 10% a percentagem daqueles cujas demoras se situaram nas classes 2-5 dias e 6-10 dias.

Outra conclusão a retirar do mesmo quadro é a de que há sempre menos mulheres internadas em todos os grupos de demora média estudados; o valor relativo mais elevado aparece nas classes 0-1 dias (42%) e 11-20 (30%).

As que permanecem mais do que 20 dias constituem apenas 9% deste grupo.

Estes dados não reflectem, contudo, a distribuição percentual das mulheres no mundo do trabalho, que se aproximará dos 40% (*Quadro I*).

Assim, parece poder inferir-se que as mulheres estarão comparativamente menos submetidas a riscos inerentes ao exercício da sua profissão do que os homens, como aliás já resultava da análise anterior.

Por outro lado, os acidentes verificados com as mulheres parecem ser comparativamente menos graves, já que na classe de demoras de mais de 20 dias se encontra uma percentagem baixa daquelas.

6. Estimativa de custos dos acidentes de trabalho socorridos e tratados nos H.C.L.

Os reflexos dos acidentes de trabalho nos H.C.L., traduziram-se, em termos financeiros, no ano de 1984 e em resultado de internamento, num valor estimado de 82 575 301\$00. Este valor foi obtido a partir dos custos médios de 1983, referentes a doentes saídos dos serviços de Medicina, Cirurgia

e Ortopedia, actualizados para 1984 através da aplicação de um multiplicador igual a 1,25.

Àquele valor acresce o de 14 119 070\$00, que resulta do número total de socorridos vítimas de acidentes de trabalho (5956), multiplicado pelo custo médio unitário do doente socorrido em 1984 (1 896\$45). Obtém-se assim um valor total de 96 694 371\$00.

III — CONCLUSÕES

Do presente trabalho ressaltam as seguintes conclusões fundamentais:

— O número de acidentes de trabalho socorridos nos H.C.L. tem subido significativamente nos últimos anos, quer em termos absolutos quer em termos relativos.

— A incidência dos acidentes distribui-se designadamente: por grandes grupos de profissões (predominam nos grupos dos trabalhadores das indústrias extractivas e transformadoras, condutores de máquinas fixas e de transporte), por sexos (predominam nos homens), e por grupos etários (predominam nos trabalhadores com idades compreendidas nas classes até 25 anos e dos 26 aos 35 anos).

Futuras acções no campo da prevenção deverão ter em linha de conta esta realidade, actuando preferencialmente sobre os grupos em maior risco.

— Conclui-se que os custos hospitalares resultantes de acidentes de trabalho — e aqui convirá chamar a atenção para outro tipo de custos de carácter social e económico, dificilmente quantificáveis — são já de tal forma importantes que, por si só, justificariam investimentos alternativos no campo das acções preventivas e/ou, até, no âmbito das acções de socorro, utilizando meios simples, em sede extra-hospitalar.

— Como reserva aos dados apresentados, dever-se-á ter em conta que a legislação laboral, nomeadamente na administração pública, protege mais fortemente as situações de acidente de trabalho do que as situações de doença, o que tenderá a fazer configurar como acidente de trabalho casos que poderão não o ser, na realidade.

Deverá, por fim, referir-se que aguarda, neste momento, ratificação, um instrumento legal de significativa importância neste contexto — a Convenção n.º 155 da Organização Internacional do Trabalho sobre a segurança, a saúde dos trabalhadores e o ambiente de trabalho.

Reafirme-se que as conclusões apresentadas dizem apenas respeito ao universo dos H.C.L./Serviço Comum de Urgência.

Não podemos, no entanto, deixar de salientar o papel de outras instituições — públicas ou privadas — na cobertura oferecida aos trabalhadores sinis-

trados da zona de Lisboa: são, nomeadamente, os casos de outros hospitais, de serviços de saúde de companhias seguradoras e das próprias entidades empregadoras.

Dado não termos, à partida, pretendido abarcar esses sectores torna-se evidente que as conclusões por nós apresentadas deverão ser consideradas apenas no contexto a que se referem. Parece-nos, no entanto, e face ao peso que o S.C.U./H.C.L. detém na rede de cuidados de saúde da zona da grande Lisboa (representando cerca de 35% dos doentes socorridos em hospitais oficiais da zona da grande Lisboa), que a amostra é suficientemente expressiva para a considerarmos como minimamente caracterizadora da situação.

□ Bibliografia:

- DAVIS, K. P.:
Health and safety, Van Nostrand Reinhold Company, New York, 1979.
- ELEUTÉRIO, F. M.:
Notas sobre estatísticas de acidentes de trabalho e de doenças profissionais, Escola Nacional de Saúde Pública, Lisboa, 1981.
- I.N.E.:
Censo de 1981, 1981.
- I.N.E.:
Estatísticas de Trabalho, 1981.
- LEPLAT, J.; GUNY, X.:
Les accidents du travail 2.^a edição, Vendôme, Presses Universitaires de France, Paris, 1970.
- ZIGHED, A.:
Une méthodologie pour l'appréciation des risques d'accidents du travail dans les entreprises, Hospices Civils de Lyon, Centre National de la Recherche Scientifique, Lyon, 1983.

□ Résumé

LES ACCIDENTS DU TRAVAIL À LISBONNE: UNE PERSPECTIVE HOSPITALIÈRE

Une étude concernant la population soignée au service d'urgence du plus large groupe hospitalier portugais — les Hospitais Civis de Lisboa — a permis de conclure que le nombre des accidentés au travail a augmenté d'environ une fois et demi entre 1980 et 1984, période caractérisée par une stagnation du marché de travail.

On a aussi constaté que le risque d'accidents est plus considérable chez les ouvriers des industries extractives et manufacturières, à moindre qualification professionnelle, du sexe masculin et âgés de moins de 35 ans.

Pour ce qui concerne l'aspect particulier des coûts hospitaliers dus aux accidents de travail survenus en 1984, le même groupe hospitalier a dépensé à peu près 100 millions de «escudos», montant qui permettrait des investissements alternatifs dans le domaine de la prévention et d'une sécurité au travail plus efficace.

□ Summary

OCCUPATIONAL ACCIDENTS IN LISBON: A HOSPITAL STUDY

Safety at work in Portugal does not seem to have improved in a satisfactory manner over the first half of this decade.

Over the period 1980-1984 the number of occupational accidents in the total number of cases admitted to the Hospitais Civis de Lisboa — H.C.L. (Portugal's largest Hospital Group), Accident and Emergency Department, increased by over 50%. This growth happened, it should be noted, in a period of labour market stagnation.

The study — limited to a micro-level analysis of the men of the H.C.L.'s A & E Department — also reveals that those most exposed to the risk of occupational accidents are semi and unskilled workers in the extraction and manufacturing industries, predominantly male and usually under 35 years.

A crude cost analysis is also carried out where it is shown that in 1984 alone the resource costs of treating occupational accidentees in the H.C.L. group reached 100 million escudos. It would appear worthwhile to consider alternative investments in the prevention area.